



O Artigo á seguir trata-se de uma tradução oferecida pela Oslum ao site Mundo Oculto e seus Parceiros como a Ordem dos Venatores.

A Tradução inclui textos de um artigo da Universidade de Cambridge sobre a Historia do Hermetismo e conta com notas do tradutor que estarão marcadas pelo sinal ::N.T.: para sua respectiva identificação.

Como sabemos o estudo das leis herméticas é capaz de trazer clareza e compreensão a respeito do funcionamento das leis que compõem nosso universo, como equilibradores é importante que compreendamos mais profundamente este assunto, á saber “o conhecimento e as leis do universo só lhe são reveladas de acordo com sua capacidade de compreensão dessas mesmas leis e deste mesmo conhecimento”, ou como o caibalion cita “Os Lábios da sabedoria estão fechados, exceto aos ouvidos do entendimento”.

Compreender as leis herméticas é como ter a Chave–Mestra em seu poder, o estudante hermético poderá abrir as diversas portas do templo psíquico e mental do conhecimento e entrar por elas livre e inteligentemente. Este Princípio explica a verdadeira

natureza da Força, da Energia e da Matéria, como e por que todas elas são subordinadas ao Domínio da Mente. Um velho Mestre hermético escreveu, há muito tempo: “Aquele que compreende a verdade da Natureza Mental do Universo está bem avançado no Caminho do Domínio.” E estas palavras são tão verdadeiras hoje, como no tempo em que foram escritas. Sem esta Chave–Mestra, o Domínio é impossível, e o estudante baterá em vão nas diversas portas do Templo.



Resumo do artigo: Quando Marsilio Ficino (1433-99) traduziu o antigo Corpus Hermeticum em 1460 e desvendou os segredos da misteriosa figura conhecida como Hermes Trismegistus, ele descobriu uma fonte de conhecimento que prometia transformar a compreensão da humanidade tanto do mundo quanto de seu Criador. Ele e muitos outros acreditavam que os escritos de Hermes transmitiam a “prisca sapientia”, ou sabedoria antiga, uma vez concedida a Adão no Jardim, mas depois perdida após a queda da humanidade da graça divina. A tradição filosófica conhecida como hermetismo se espalhou rapidamente pela Europa renascentista, juntamente com um renovado interesse pela prática mística judaica da Cabala, outra fonte de sabedoria que buscava revelar os vestígios ocultos de Deus no universo. Essas tradições de magia sagrada inspiraram o arquétipo do mago renascentista, como o filósofo inglês John Dee (1527-608), em sua busca pelo conhecimento. Ele conversou com anjos e aconselhou alguns dos monarcas mais poderosos da Europa, mas, como a figura fictícia de Faustus, que se envolveu com as artes das trevas e se condenou pela eternidade, Dee teve que lidar com a desconfiança e o medo dos contemporâneos que

acreditavam que a magia era obra de demônios.

Por volta de 1460, o filósofo Marsilio Ficino (1433-1499) recebeu uma mensagem de seu patrono, Cosimo de' Medici (1389-1464), o homem mais poderoso da cidade-estado italiana de Florença. Até este ponto Ficino tinha trabalhado arduamente traduzindo as obras do antigo filósofo Platão (c. 424-c. 348 aC) de seu grego original para o latim, mas seu patrono tinha outras ideias. Ele queria que Ficino começasse a traduzir um manuscrito grego diferente, que Cosimo havia adquirido recentemente. Gentilmente, Ficino deixou Platão de lado e voltou sua atenção para esta nova obra. Ele logo percebeu que havia tropeçado em algo muito importante.



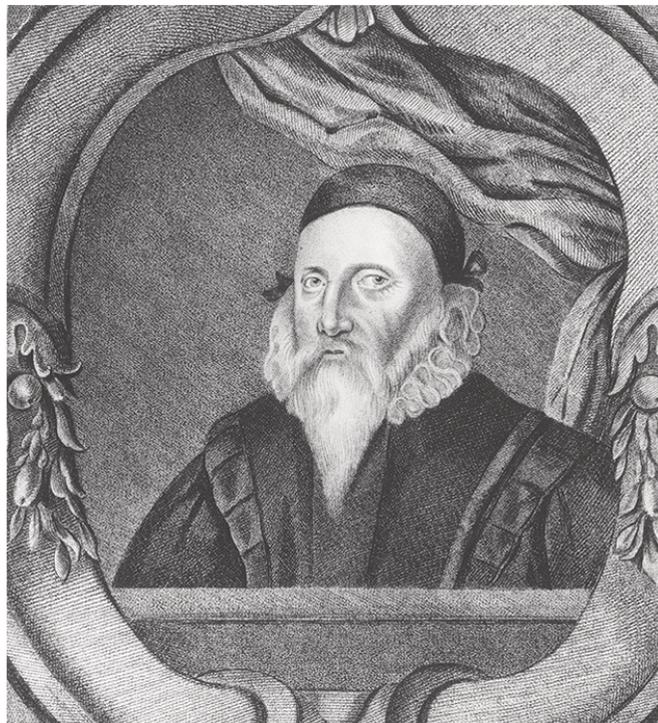
Retrato de Marsilio Ficino por Francesco Allegrini, 1762.
Foto de DeAgostini/Getty Images

As obras que Ficino traduziu ficaram conhecidas como *Corpus Hermeticum*, e eles continuam a sabedoria registrada de uma figura misteriosa conhecida como Hermes Trismegistus ou Hermes “o Três Vezes-Poderoso”, um contemporâneo de Moisés e um sábio de conhecimento incomparável que viveu milhares de anos antes no antigo Egito. Seus escritos prometiam revelar os segredos do universo para aqueles dispostos a aprender, e

isso logo incluiu Ficino, que se tornou um apaixonado defensor das ideias de Hermes e foi fundamental para disseminá-las por toda a sociedade renascentista. Ficino, junto com muitos outros, acreditava que os escritos herméticos continham vestígios de sabedoria antiga e incorrupta que poderiam restaurar a compreensão humana às alturas alcançadas por aqueles que, há muito tempo, conheceram Deus e Sua criação de maneiras que as pessoas modernas perderam.

A tradição disseminada por Ficino é conhecida como *hermetismo*, e incorporou tanto lições filosóficas sobre a natureza do divino quanto instruções práticas para o trabalho mágico. Tanto o hermetismo quanto a outra tradição que exploramos neste artigo, A Cabala, são exemplos de magia Erudita – isto é, magia estudada e praticada pela elite educada. Isso é muito diferente da magia praticada por curandeiros, parteiras e outros em pequenas comunidades e áreas rurais em toda a Europa, práticas geralmente rotuladas pelos historiadores como “magia popular”..” Magia erudita teve suas raízes no passado distante, e aqueles que o abraçaram o fizeram com a esperança de descobrir segredos e mistérios que transformariam a sociedade europeia para sempre. Essa ideia foi tão poderosa e atraente que alterou fundamentalmente a vida intelectual na Europa e continua a inspirar as pessoas hoje.

Neste artigo, examinamos tanto o hermetismo quanto A Cabala na tentativa de entender por que eles cativaram os europeus por centenas de anos, antes de voltar nossa atenção para a figura do mago, o mago *erudito* que procura retirar o véu que obscurece o funcionamento do universo. Alguns, como o mago inglês John Dee (1527–1608), construíram suas reputações e identidades em torno de sua capacidade de descobrir os segredos da natureza, mas também havia uma ansiedade generalizada sobre até onde esses mágicos poderiam ir em busca de conhecimento. Essa ansiedade foi talvez expressa de maneira mais memorável no conto fictício de Fausto., que relacionou-se com forças demoníacas e pagou o preço final. Na verdade, tanto Dee quanto Faustus tiveram finais infelizes, e ambos são úteis para colocar a magia aprendida em um contexto mais amplo.



Retrato de John Dee, c.
1580. Foto de Hulton Archive/Getty Images

Magia antes de Ficino

Marsilio Ficino estava longe de ser o primeiro filósofo a escrever com aprovação sobre os vários usos da magia. A prática da magia erudita existia séculos antes da tradução do *Corpus Hermeticum*, mais comumente entre os membros do clero. O historiador Richard Kieckhefer fez um estudo minucioso de um manuscrito do século XV que ele chama de “manual de Munique”, um tratado erudito que descreve como invocar demônios e realizar magias tão variadas quanto induzir amor em mulheres e tornar-se invisível. Como este texto foi escrito em latim e demonstrou uma boa compreensão da liturgia e do ritual cristão, Kieckhefer acredita que seu autor era um padre ou monge – poucos outros teriam a sofisticação teológica e intelectual para criar os complexos rituais e cerimônias descritos no manual. Na verdade, como os membros do clero geralmente foram educados na Idade Média, Kieckhefer argumenta que eles eram os praticantes mais prováveis de magia erudita, incluindo magia que empregava demônios. A tradição mágica da *necromancia*, que na antiguidade clássica se referia a falar com os mortos, foi reimaginada nos séculos XII e XIII

como magia que trafegava exclusivamente na invocação de demônios. Assim, combinando rituais de exorcismo cristão e magia astral ou astrológica herdada dos escritores árabes, os necromantes medievais eram homens bem educados que supostamente invocavam demônios para realizar uma ampla gama de tarefas. O manual de Munique estudado por Kieckhefer é um claro descendente dessa tradição.

Entretanto, nem toda magia erudita era necessariamente demoníaca. A partir do século XII, a Europa experimentou um influxo de ideias e textos do mundo islâmico como parte de um longo processo de intercâmbio cultural. Este influxo ajudou a criar as primeiras universidades na Europa e preparou o terreno para a chegada do Renascimento, que exploraremos em breve. Outra consequência, no entanto, foi uma mudança nas atitudes aprendidas em relação à magia. Antes do século XII, quase todos os teólogos e filósofos acreditavam que a magia envolvia algum tipo de intervenção demoníaca. As práticas mágicas descritas na literatura antiga, como a feiticeira Circe transformando homens em animais na *Odisseia* de Homero, ou as maravilhas e milagres atribuídos a divindades pré-cristãs, eram entendidas pelos cristãos medievais como moralmente erradas e de inspiração demoníaca. A partir do século XII, porém, obras de filósofos islâmicos influentes apresentaram uma perspectiva diferente para os estudiosos europeus. Alguns desses autores escreveram com aprovação sobre práticas mágicas que nada tinham a ver com demônios e que operavam apenas por meio de forças naturais. Isso incluía a alta magia e a astrologia – que se baseava nas forças e virtudes ocultas dos planetas e estrelas – que acabou sendo incorporada à necromancia medieval. Bem como uma ampla gama de outras práticas e tradições que buscavam aproveitar o poder invisível da natureza em atos de magia natural. No auge da Idade Média, no século XIII e início do século XIV, um número significativo de homens educados dedicou tempo e energia consideráveis ao estudo da magia natural., às vezes sobre as objeções de contemporâneos que ainda acreditavam que toda magia era fundamentalmente demoníaca em sua origem.



Gravura de Hermes ou Mercurius Trismegistus.

De Pierre Mussard,

Historia Deorum fatidicorum, 1675.

Foto por Time Life Pictures/Mansell/The LIFE Picture Collection via Getty Images

O Corpus Hermeticus, juntamente com uma série de outras obras também atribuídas a Hermes Trismegisto, descreveu uma maneira de entender o cosmos que combinava religião, filosofia e prática mágica em um todo coerente. Para Ficino e outros defensores do hermetismo, não havia nada moralmente suspeito nessas práticas; eram decididamente naturais. Nem todos concordaram, no entanto, e os praticantes de magia erudita na Renascença tiveram que lidar com as mesmas suspeitas de colaboração demoníaca enfrentadas pelos magos eruditos na Idade Média.

A Sabedoria Original

Este é o pano de fundo complicado contra o qual as tradições eruditas da magia clássica emergiram durante o Renascimento. As ideias recuperadas por humanistas e outros estudiosos não se concentravam inteiramente na poesia, na arquitetura ou na retórica; eles

também incluíam filosofias antigas que variavam de teorias sobre o mundo natural a expressões de doutrina espiritual e religiosa. Ambas as tradições que examinamos neste artigo, repousam em algum lugar entre a filosofia natural e a crença religiosa, participando de maneiras diferentes. Esta é uma das razões pelas quais eles eram tão atraentes para as pessoas pré-modernas. Eles ofereceram maneiras amplas e abrangentes de entender todo o universo, desde os fenômenos mundanos do mundo cotidiano até o próprio Deus.

Ainda mais significativa era a crença de que, como essas tradições filosóficas tinham raízes antigas, elas estavam mais próximas do conhecimento original que os humanos já possuíram, mas que se degenerou após a queda da humanidade da graça divina, quando Adão e Eva foram punidos por Deus com a expulsão do Jardim.

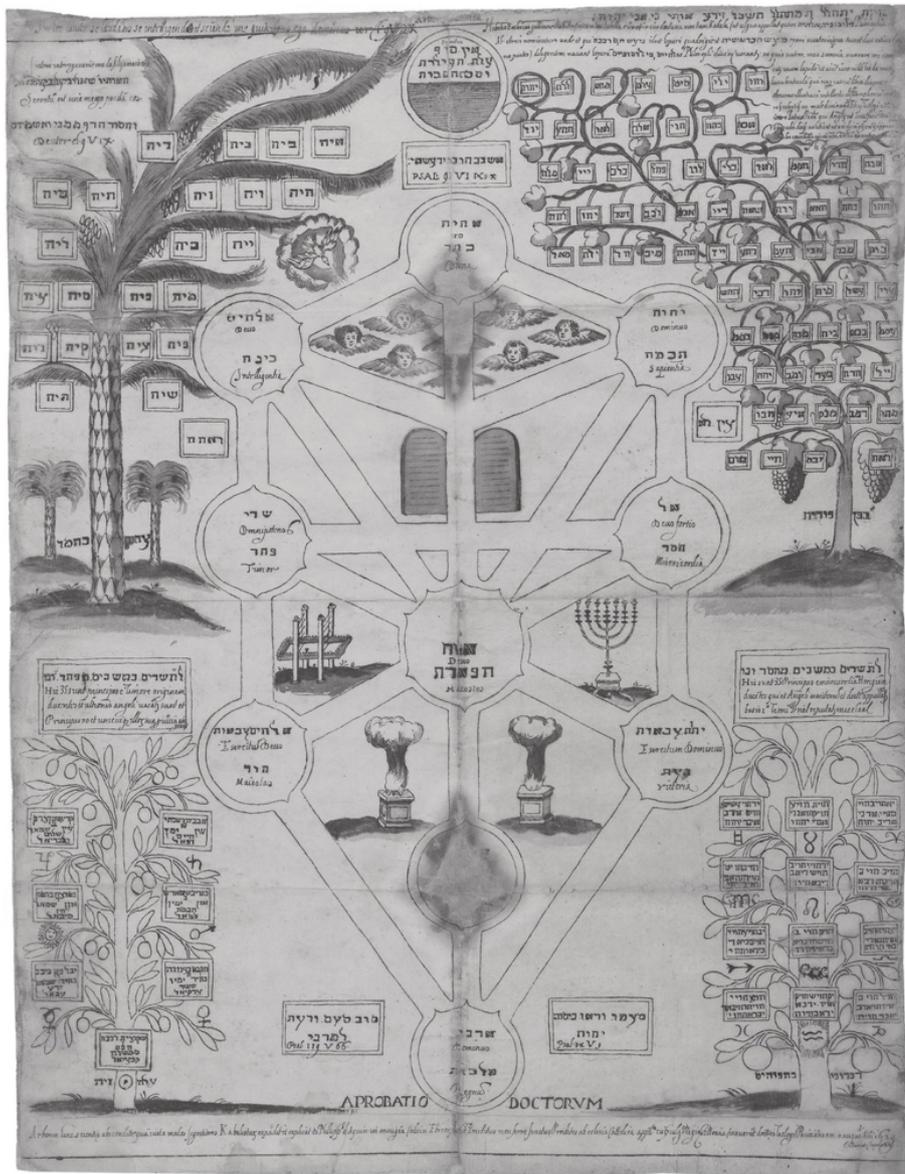
Esse conhecimento é conhecido como *prisca sapientia*, que significa “sabedoria antiga” em latim. A maioria das pessoas instruídas na Europa pré-moderna acreditava que havia alguma sabedoria ou conhecimento original disponível para nossos ancestrais que havia sido diminuído e distorcido ao longo dos milênios intermediários. Uma das tarefas mais importantes do filósofo era recuperar fragmentos desse conhecimento, e uma forma de fazer isso era buscar os ensinamentos daqueles que viveram na antiguidade. Esses ensinamentos mais antigos estavam mais próximos da *prisca sapientia* e provavelmente eram menos corrompidos do que o conhecimento disponível no presente. Em poucas palavras, é por isso que a figura de Hermes Trismegisto era tão atraente para os primeiros europeus modernos. É também por isso que alguns cristãos ficaram fascinados pela Cabala, uma forma de sabedoria transmitida por muitas gerações de místicos e estudiosos judeus. Tanto os escritos de Hermes quanto a Cabala prometiam revelar aos europeus os segredos perdidos de uma era distante.



A ideia de uma sabedoria antiga e incorrupta foi uma poderosa motivação para muitos pensadores da Europa pré-moderna, mas não foi apenas um conhecimento da filosofia e do mundo físico que se degenerou com o tempo. Ainda mais importante era o conhecimento de Deus e do divino, conhecido como teologia. De acordo com as escrituras, Adão conheceu a Deus de uma maneira que as pessoas posteriores não puderam. Ele havia falado diretamente com Deus no Jardim, e muitos acreditavam que sua compreensão de Deus era tão pura e profunda quanto era possível para o conhecimento humano. Esse tipo de entendimento era conhecido como *prisca theologia*. Como a *prisca sapientia*, representou um tipo de conhecimento que não foi diminuído e não corrompido, uma linhagem de teologia que antecedeu todas as religiões posteriores e, portanto, as unificou. Adão havia perdido sua conexão especial com Deus quando foi expulso do Jardim, entretanto, e daquele momento em diante a compreensão humana do divino havia desaparecido, corrompida pelo erro e pela ignorância e principalmente pelo ego. A noção de uma teologia antiga, mais intimamente ligada àquela compreensão primordial de Deus, era extremamente atraente para os pré-modernos, e só se tornou mais ainda após a revolta religiosa e fraturas causadas pela Reforma Protestante no início do século XVI. Assim como a *prisca sapientia*, a *prisca theologia* tinha o potencial de transformar radicalmente a maneira como os europeus entendiam seu mundo.

A sociedade moderna tende a olhar para o futuro em vez de se fixar no passado distante, então esse interesse pelo conhecimento antigo pode parecer estranho para nós agora. Muitos europeus pré-modernos, no entanto, olharam ao seu redor e viram os resquícios esfarrapados e desbotados de um passado glorioso, que eles queriam desesperadamente recuperar. Imagine viver na Roma do século XV, entre as ruínas do Império, ou em um mosteiro remoto cercado por textos copiados à mão que eram apenas fragmentos de um vasto corpo de conhecimento há muito perdido. Como não ansiar por voltar a uma época em que a filosofia, a arte, a arquitetura e a teologia eram mais sofisticadas e inovadoras do que qualquer coisa que existiu mil anos depois? Para muitas pessoas educadas na Europa pré-moderna, sua sociedade parecia apenas uma sombra das glórias da antiguidade. Essa perspectiva acabaria mudando, mas, durante o Renascimento, figuras como Hermes Trismegisto, cuja compreensão de Deus e da natureza parecia superar qualquer coisa disponível no século XV, foram a chave não apenas para recuperar o passado, mas também para construir o futuro.

Hermes e o Corpus Herméticus



Uma representação do século XVII da *Árvore Cabalística* ou *Árvore Cabalística*, mostrando as dez sefirot. Foto de Fine Art Images/Heritage Images/Getty Images

Quando Marsílio Ficino recuperou e traduziu o Corpus hermético do grego para o latim, ele o fez como parte de um projeto humanista maior com a intenção de reviver as tradições clássicas. Ele também estabeleceu a Academia Florentina em sua Florença natal como uma tentativa de imitar a filosofia de Platão. Famosa Academia em Atenas, foi o primeiro a traduzir e publicar a totalidade das obras existentes de Platão, bem como as obras de

importantes neoplatônicos como Jâmblico e Plotino, descendentes filosóficos de Platão que viveram nos primeiros séculos da Era Comum. No hermetismo, no entanto, Ficino acreditava ter descoberto um tipo de conhecimento que era ainda mais importante do que os escritos da antiguidade clássica.

Lembre-se de que Ficino e muitos outros acreditavam que Hermes Trismegisto foi contemporâneo de Moisés, o profeta que se acredita ter vivido cerca de 3.000 anos antes do advento do Renascimento. Isso fez de Hermes uma fonte extremamente valiosa desconhecida para os europeus pré-modernos. Ele teria acesso tanto à *prisca sapientia* e *prisca teologia* a par do próprio Moisés, e seus escritos que sobreviveram até o século XV, quando Ficino os traduziu, representavam uma potencial mina de ouro de conhecimento que escapou da corrupção do tempo, como ela ainda o é hoje em dia.

Referências a Hermes, ou a figuras sombrias que *poderiam* ter sido Hermes, existem em escritos que remontam à antiguidade clássica. Nos primeiros séculos da Era Comum, alguns autores especularam longamente sobre suas origens, juntando rumores e mitos para sugerir que Hermes era antigo mesmo para os padrões de sua época. Esses primeiros escritos afirmam que ele era adorado como uma espécie de combinação entre o deus grego Hermes – o mensageiro dos deuses, mas também o patrono da comunicação e das viagens – e Thoth, o antigo deus egípcio do conhecimento e da escrita. Durante o período helenístico (aproximadamente 300 aC a 30 aC), quando a Grécia controlava grande parte do Egito moderno, não era incomum que deuses de diferentes panteões se associassem uns aos outros, uma prática que persistiu na ocupação romana posterior do mundo helenístico. A figura de Hermes Trismegisto parece ter surgido desse tipo de associação sobreposta, adquirindo uma reputação que o vincula à sabedoria, ao conhecimento e à magia. Embora ele possa ter sido adorado como uma divindade menor na antiguidade, no entanto, a maioria dos europeus na Renascença o retratou como humano, provavelmente um antigo sacerdote ou sábio egípcio cujo nome se tornou associado ao culto pagão.

É importante ressaltar que as origens egípcias de Hermes se cruzaram com um fascínio europeu mais amplo pelo antigo Egito que persistiu entre os séculos XV e XVII. Durante este período, numerosos obeliscos egípcios cobertos de hieróglifos foram descobertos e escavados nas ruínas da Roma antiga. Esses artefatos foram levados do Egito para Roma no auge do Império Romano, que controlava a maior parte do Egito moderno, mas

após o colapso do Império, os obeliscos sofreram o mesmo destino que a maioria dos edifícios antigos em Roma, ou seja, eles caíram e foram enterrados sob uma Roma nova e mais moderna nos séculos que se seguiram. À medida que foram descobertos, esses obeliscos foram transportados (com grande dificuldade) para vários pontos da cidade moderna e erguidos mais uma vez. Muitos ainda estão de pé hoje, incluindo um situado no centro da praça em frente à Basílica de São Pedro no Vaticano, o lar espiritual e político da Igreja Católica. A enorme despesa e trabalho necessários para mover e restaurar esses vestígios do antigo Egito demonstra, no mínimo, quão poderosamente a cultura egípcia influenciou a imaginação de muitos durante o Renascimento.

Seguindo o Ficino, Traços de ideias e doutrinas herméticas apareceram em obras escritas por dezenas, senão centenas de autores ao longo de mais de 200 anos, até que houve uma reviravolta intrigante. Em 1614, o estudioso francês Isaac Casaubon (1559-1614) determinou que o Corpus Hermético não havia sido escrito na época de Moisés. Alguns de seus textos tinham óbvias influências helenísticas, o que significa que quase certamente foram escritos depois que os gregos passaram a controlar o Egito e outras partes do norte da África e do Oriente Próximo. Isso dataria esses textos de cerca de 300 a.C., muito mais perto dos tempos modernos do que os impérios do antigo Egito, que floresceram milhares de anos antes. Casaubon era um estudioso do mundo clássico, bem como um filólogo (alguém que estuda a estrutura das línguas) e encontrou nos textos herméticos outras pistas que apontavam para uma origem ainda mais recente que o período helenístico, algo mais próximo do século II ou III d.C., ou seja, foram compilados durante o Império Romano e após o advento do cristianismo. Embora esses textos ainda fossem antigos para os padrões do início da Europa moderna, eles não eram mais antigos do que o Império Romano e certamente não o produto de uma pessoa que viveu e escreveu milênios antes disso.



Após a revelação de Casaubon, a influência do hermetismo no pensamento europeu começou a diminuir. Algumas pessoas, no entanto, permaneceram totalmente comprometidas com a cosmovisão hermética e sua filosofia, argumentando que Casaubon simplesmente errara nas datas. Hoje, a maioria dos estudiosos concorda com Casaubon que o Corpus Hermeticus teve suas origens nos primeiros séculos da Era Comum e emergiu de uma mistura turbulenta e caótica de filosofia grega e helenística, misticismo cristão primitivo e tradições mágicas emprestadas de diferentes seitas no que hoje é o Oriente Médio. Esses escritos representam a mistura de ideias - também conhecida como *sincretismo* - que era comum nesse período, quando as pessoas avidamente misturavam as ideias e visões de mundo de diferentes culturas para criar formas inteiramente novas de pensar. Talvez essa mistura de tantas filosofias, crenças e práticas díspares seja o motivo pelo qual o hermetismo inspirou e intrigou as pessoas por centenas de anos.

A Substância do Hermetismo

A questão permanece: o que as pessoas encontraram quando leram o Corpus

Hermeticus que Ficino havia traduzido e publicado? Primeiro, é importante entender que o hermetismo era um conjunto extremamente amplo de crenças e ideias que combinavam religião, filosofia e ideias antigas sobre magia. Na verdade, o hermetismo faz um excelente trabalho ao demonstrar como esses três sistemas se sobrepõem. Se magia é a manipulação das forças ocultas do universo através da vontade, então o hermetista precisa da filosofia para investigar o universo e revelar essas forças, e ao fazê-lo chega a entender como e por que Deus criou o universo da maneira que Ele fez. O verdadeiro praticante ou mago, entende que o cosmos é cheio de conexões e elos invisíveis entre diferentes objetos, e seu trabalho é usar essas conexões para produzir efeitos específicos no mundo. Ao fazer isso, eles chegam mais perto de entender o Todo como o Criador, que não apenas moldou essas conexões, mas também as usa Ele mesmo. De fato, como veremos, a figura do mago erudito eventualmente se tornou estreitamente entrelaçada com o sobrenatural de maneiras que às vezes eram problemáticas para os praticantes do hermetismo; na maioria das vezes, eles eram temidos como ingênuos ou colaboradores de forças demoníacas.



Página de título de
The Tragical History of the Life and Death of Doctor Faustus por Christopher Marlowe,
1636.

Foto de DeAgostini/Getty Images

Os estudiosos modernos fizeram uma distinção entre dois tipos diferentes de escritos herméticos. Um grupo de textos: os primeiros traduzidos por Ficino no século XV, são mais filosóficos e teológicos em seu foco. Ficino chamou essa coleção de quatorze livros ou capítulos de *Pimandro*, um termo ainda usado hoje para descrever essa parte relativamente limitada de escritos herméticos. O *Pimander* descreve a cosmovisão religiosa de uma seita ou comunidade que floresceu na antiguidade clássica, e também estabelece os fundamentos filosóficos dessa visão de mundo. Esses textos são profundamente piedosos, referindo-se continuamente a um único Deus e construindo uma filosofia da natureza e da vida fundada na adoração dessa divindade. Essa é uma das razões pelas quais esses textos específicos eram tão atraentes para os europeus que viviam na Renascença. Embora todos presumissem que eram pagãos Suas obras, escritas muito antes do advento do cristianismo, eram fáceis de reconciliar com uma cosmovisão cristã porque seus elementos religiosos pareciam ser paralelos aos princípios básicos do cristianismo. O sábio egípcio pagão Hermes reverenciava uma divindade muito semelhante ao Deus cristão, não apenas fazendo de Hermes um “bom” pagão para os padrões europeus, mas também parecendo confirmar as raízes verdadeiramente antigas da fé cristã, uma vez que os textos herméticos foram pensados para incorporar uma compreensão do divino, a prisca *theologia*, que remonta aos primeiros anos da humanidade. Agora, é claro, entendemos que o Corpus Hermético se alinha tão bem com o Cristianismo por pelo menos duas razões principais: porque foi escrito depois que o Cristianismo apareceu no que hoje é o Oriente Médio, não antes; e porque seus autores foram inspirados por algumas das mesmas filosofias e crenças que também inspiraram os primeiros escritores cristãos.

Embora existam referências à astrologia nos textos que Ficino traduziu, não há praticamente nada sobre magia prática pragmática. Em vez disso, as obras incluídas no *Pimander* são principalmente tratados teóricos e filosóficos; eles descrevem ideias em vez de sua aplicação direta. Isso é menos verdade para outro grupo de textos que começou a circular na Europa depois que a tradução original de Ficino apareceu. Essas obras estão impregnadas de ocultismo e incluem inúmeras referências à alquimia- a manipulação e transmutação da matéria - bem como a formas de magia, incluindo adivinhação e magia astrológica. Este segundo conjunto de textos menciona Hermes e, portanto, é considerado “hermético”, mas provavelmente foi escrito depois dos textos teológicos ou por pessoas diferentes. Sua ênfase é mais prática; eles descrevem como realizar tarefas específicas usando o conhecimento e a sabedoria transmitidos por Hermes.

Ainda há muito que não sabemos sobre as origens dos escritos herméticos. Por um lado, esses textos são extremamente antigos e sobrevivem apenas em fragmentos dos originais ou em referências a textos destruídos ou ausentes mencionados por autores de outras obras. Por outro lado, o Corpus Hermeticus foi o produto de muitas pessoas escrevendo ao longo de vários séculos. Não há uma perspectiva única ou universal porque não havia um único autor, ou mesmo um pequeno grupo de autores. Em vez disso, temos uma extensa coleção de ideias conectadas apenas por referências a Hermes, bem como por alguns argumentos teológicos e filosóficos compartilhados.

conhecimento do divino, que o historiador Brian Copenhaver descreveu como parte de sua tradução moderna da *Hermética*. O misticismo presente nesses escritos estimula o leitor a contemplar o divino e, por meio dessa contemplação, passa a compreender o mundo. Essa ideia era atraente para muitos europeus pré-modernos porque encorajava uma abordagem piedosa e religiosa do estudo da natureza e da filosofia em geral. Mas essa ideia também coloriu o tipo de magia que passou a ser associado ao hermetismo nos séculos XVI e XVII. Era uma magia de escopo filosófico e teológico: também encorajava a contemplação do divino como uma forma de fortalecimento que o mago poderia então usar para criar mudanças no mundo físico. Para alguns, o mago hermético ascendeu a uma escada metafórica que se estendia entre Deus e o mundo; quanto mais alto subia, mais entendia e mais era capaz de fazer com a ajuda da magia.

Essa ideia do mago ascendendo em direção a uma compreensão divina do universo fazia sentido para muitas pessoas. Sugeriu que uma pessoa piedosa e atenciosa poderia fazer coisas incríveis, uma vez que compreendesse como tudo se encaixava. Ao mesmo tempo, porém, não é difícil ver como esse tipo de pensamento pode ter incomodado algumas pessoas. A sugestão de que alguém poderia usar conhecimento pagão para entender melhor a mente de Deus pareceu a alguns cristãos uma ideia problemática e até blasfema. Os escritos de alguns hermetistas também sugeriram que o mago ascendido era capaz de quase tudo; em teoria, entender as forças ocultas que cruzam o universo daria a alguém um poder que se aproximava do próprio Deus. Para muitos, essa era uma proposta perigosa.

Como o hermetismo era tão amplo e representava uma riqueza de perspectivas diferentes e sobrepostas, as formas pelas quais as pessoas o adotaram e disseminaram também variaram amplamente. Por exemplo, o filósofo italiano Giovanni Pico della Mirandola (1463–1494) era conhecido de Marsilio Ficino e absorveu pelo menos algumas ideias herméticas enquanto vivia em Florença. Ele acreditava que havia uma conexão fundamental entre uma ampla gama de tradições intelectuais, desde a filosofia de Platão aos comentários cristãos medievais de Tomás de Aquino (1225–74) e aos escritos de Hermes. Todas essas tradições, ele argumentou, haviam tropeçado em verdades sobre o mundo e, portanto, todas elas, em graus variados, compartilhavam algo da *prisca sapientia*, aquele primeiro e original conhecimento sobre a Criação outrora concedido a Adão no Jardim. A disposição de Pico de colocar a filosofia cristã ao lado dos escritos dos gregos pagãos e até mesmo dos infiéis árabes levou a acusações de heresia e a uma proibição papal de qualquer discussão pública

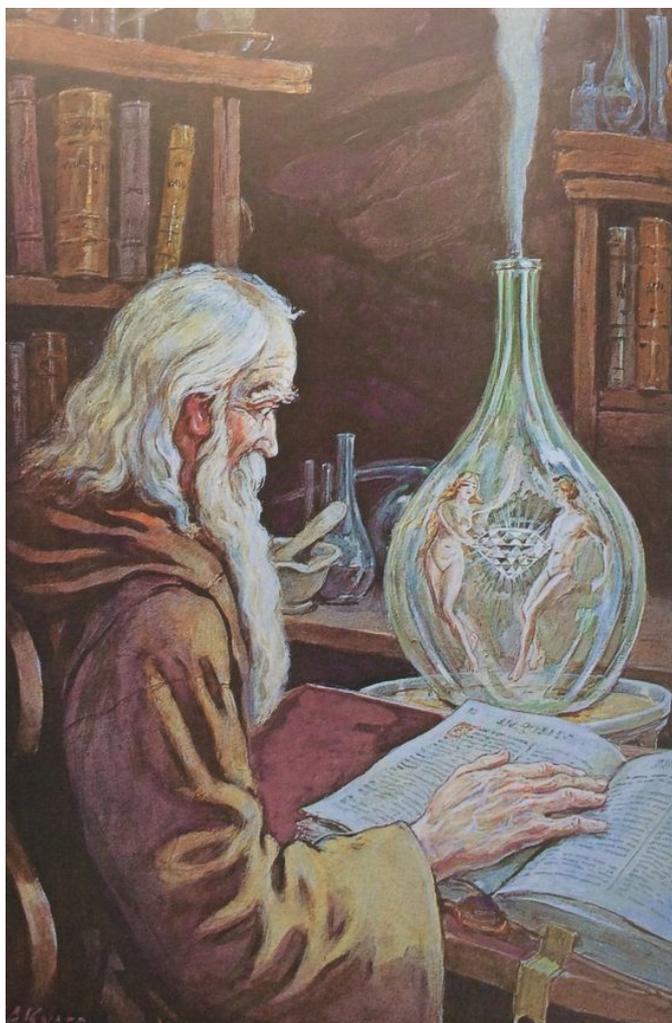
dessas ideias, mas sua crença em um fundamento compartilhado entre essas diferentes tradições lembrava muito as próprias ideias de Ficino.

Ao longo do século seguinte, o hermetismo cresceu e evoluiu até se tornar uma coleção extensa e muitas vezes desordenada de ideias, crenças e reivindicações. O termo “hermético” tornou-se cada vez mais comum nos primeiros textos modernos, mas esses textos podiam, e muitas vezes o faziam, se contradizer. O hermetismo, assim como a figura do próprio Hermes, passou a representar coisas muito diferentes para pessoas diferentes. Por exemplo, o filósofo veneziano Francesco Patrizi (1529-1597) ajudou a disseminar ideias herméticas para um público mais amplo na geração seguinte. Ficino também escreveu com aprovação sobre os estreitos vínculos entre a filosofia platônica e o cristianismo evidentes nos escritos herméticos. Como muitos outros que viveram e escreveram nas turbulentas décadas do século XVI, durante as quais a Reforma Protestante do Cristianismo estava fraturada e aparentemente sem conserto, Patrizi queria encontrar evidências de uma teologia pura e incorrupta, isso poderia curar as divisões que agora separavam os católicos dos protestantes. Para ele, como para Ficino, e Pico antes dele, o hermetismo oferecia uma maneira de descobrir antigas verdades sobre Deus.

Robert Fludd (1574-1637), um médico e filósofo inglês, foi fortemente influenciado pelas ideias herméticas quando escreveu sobre as elaboradas harmonias que abrangeram o cosmos e os processos alquímicos capazes de quebrar substâncias materiais para expor suas naturezas fundamentais. Embora muito diferente de Patrizi em quase todos os aspectos, Fludd também estava comprometido com a busca de verdades teológicas e religiosas no estudo do mundo natural. Ele criou o que chamou de “teofilosofia” para expressar isso e atribuiu causas sobrenaturais a fenômenos naturais de maneiras que deixaram muitos de seus contemporâneos desconfortáveis – por exemplo, ele especulou que os próprios anjos transmitiam forças como magnetismo de um objeto para outro. Muito depois de sua morte, Fludd foi reverenciado por alguns como um dos mais importantes filósofos herméticos do início da Europa moderna.

Dada sua ênfase na sabedoria e no conhecimento originais, talvez não seja surpreendente que o hermetismo tenha conseguido superar pelo menos parte da luta e divisão causada pela Reforma e pela fratura do cristianismo. Fludd era um protestante sem remorso que escrevia livremente contra o dogma católico, mas também havia hermetistas

entre os católicos. O filósofo jesuíta Athanasius Kircher (1602-1680), vivendo no coração de Roma e escrevendo com a permissão expressa da Igreja Católica, não escondia sua admiração por Hermes. Em seu trabalho sobre o ímã, publicado pela primeira vez em 1641, Kircher afirmou que tudo no mundo estava conectado por “nós secretos” e incluía imagens luxuosas nas quais correntes metafóricas uniam coisas díspares. Notavelmente, ele também terminou o mesmo livro chamando Deus de “o grande ímã”, cujo amor divino era a força que unia tudo. De certa forma, a visão de Deus de Kircher não era tão diferente do ser divino descrito pelo próprio Hermes.



Patrizi, Fludd e Kircher eram pessoas muito diferentes que viveram e escreveram em contextos muito diferentes, mas todos eles foram atraídos pela ideia de que verdades

profundas e fundamentais sobre o universo foram registradas no Corpus Hermeticus. Seja buscando as antigas raízes do religioso ou desvendando os meios para manipular a natureza usando as correspondências invisíveis que conectavam todas as coisas, esses e muitos outros pensadores foram atraídos pela mistura de filosofia, religião e magia que caracterizava o hermetismo. Esta tradição confirmou para muitas pessoas que a *prisca sapientia* e *prisca teologia* eram reais e que sua recuperação iluminaria as verdades do universo. O hermetismo também encorajou os europeus instruídos a ver a magia como conectada ao divino e, mais amplamente, ao mundo sobrenatural; sugeria que o estudo das forças e poderes ocultos da natureza poderia ser tanto um empreendimento espiritual quanto um caminho para um tremendo poder eterno que se encontrava adormecido no homem.

14798600

(Todos os direitos reservados - Oslum) Orcid 0009-0003-6447-3341

Waddell, M. (2021). Hermetismo, a Cabala e a Busca da Sabedoria Antiga – Tradução: Oliver Biorach para Oslum e seus parceiros. Publicado Em *Magia, Ciência e Religião no início da Europa Moderna* (Novas Abordagens à História da Ciência e da Medicina, pp. 13-43). Cambridge: Cambridge University Press. doi:10.1017/9781108348232.002